



PUC-SP

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO**

Faculdade de Ciências Sociais

Departamento de Relações Internacionais

Olívia Maranhão Corazza - RA00217211

**Trabalho de Conclusão de Curso**

**Ativismo Transnacional: O “*Celebrity Activism*” nas Relações  
Internacionais**

São Paulo

2022

Olívia Maranhão Corazza

**Ativismo Transnacional: O “*Celebrity Activism*” nas Relações Internacionais**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Relações Internacionais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), como exigência parcial para a obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais.

Orientadora: Profa. Dra. Priscila Villela

São Paulo

2022

## **AGRADECIMENTOS**

Aos meus pais, Wivian e Gilberto, que sempre estiveram ao meu lado com muito amor, acreditando no melhor de mim e servindo todos os dias como minhas maiores inspirações.

Aos meus amigos, que fizeram meus dias mais felizes e pelos momentos inesquecíveis desses últimos quatro anos, por todo apoio e por sempre torcerem por mim; em especial à Maria Eduarda por sempre estar presente, pelo incentivo, honestidade e parceria.

Aos meus professores, em especial à minha orientadora Priscila Villela, que desde o início da graduação apresentou diferentes maneiras de observar e estudar as Relações Internacionais; agradeço às provocações, desafios e compreensão.

E a todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha trajetória na Pontifícia.

## RESUMO

O “*celebrity activism*” passou a ganhar relevância dentro das Relações Internacionais desde o início dos anos 1990, a partir do envolvimento de celebridades com organizações como a Organização das Nações Unidas (ONU). Esta revisão tem como objetivo percorrer as formas que esse fenômeno se estabelece como pertencente do ativismo internacional e questionar como e de que maneira ele pode influenciar o Sistema Internacional a partir de premissas teóricas, como as relações Norte-Sul e noções de poder. Foram trazidas três das mais relevantes bibliografias acerca do tema, explorando as principais questões entre similaridades e diferenças nessas análises. O resultado deste trabalho é pontuar o potencial e as possibilidades que esse fenômeno ocupa nas Relações Internacionais além de suas contraditoriedades, reforçando muitas vezes relações abusivas e coloniais que vão em desencontro com o próprio sentido de seu ativismo.

**Palavras-chave:** Ativismo transnacional. “*Celebrity activism*”. Relações Norte-Sul. Noções de poder. Relações Internacionais.

## **ABSTRACT**

“Celebrity activism” has gained relevance within International Relations since the early 1990s with the involvement of celebrities with organizations such as the UN. This review aims to go through the ways that this phenomenon is established as belonging to International Activism and question how and in what way it can influence the International System from theoretical premises such as North-South relations and notions of power. Three of the most relevant bibliographies on the subject were brought up, exploring the main issues between similarities and differences in these analyses. The result of this work is to point out the potential and possibilities that this phenomenon occupies in International Relations beyond its contradictions, often reinforcing abusive and colonial relationships that go against the very meaning of its activism.

**Key words:** International activism. Celebrity activism. North-South Relations. Power. International Relations.

## SUMÁRIO

<b>Introdução</b>	<b>7</b>
<b>1 O Ativismo Transnacional e o “<i>Celebrity Activism</i>”</b>	<b>8</b>
1.1. O Ativismo Transnacional	9
1.2. O “ <i>Celebrity Activism</i> ”	11
1.3. Ativismo Transnacional, as Relações Norte-Sul e noções de poder	14
1.4. O “ <i>Celebrity Activism</i> ” influencia as Relações Internacionais?	16
<b>2 Casos marcantes de “<i>Celebrity Activism</i>”</b>	<b>19</b>
2.1. Princesa Diana e as minas terrestres	20
2.2. Mia Farrow em Darfur	22
2.3. Angelina Jolie na Birmânia/ Myanmar	24
<b>Considerações Finais</b>	<b>25</b>
<b>Bibliografia</b>	<b>27</b>

## Introdução

O presente trabalho tem como objetivo reunir e analisar a bibliografia existente acerca do fenômeno “*celebrity activism*” e entender como essa forma de atuação política performa e influencia as Relações Internacionais como um todo. A partir disso, serão abordados temas e conceitos do ativismo transnacional, as relações Norte-Sul e noções de poder imbricadas nesse processo. Um dos pontos centrais desta revisão é demonstrar por meio dos casos específicos que a diplomacia de celebridades complementa e desafia as formas tradicionais da política internacional. A atenção que esse fenômeno recebe e a maneira que mescla a solução de problemas internacionais com o mundo do entretenimento nos obriga a compreender as relações internacionais a partir de uma perspectiva diferente do modo tradicional de governar. Além disso, nos cabe à análise como o “*celebrity activism*” oferece “alguma perspectiva de esperança de que questões por muito tempo negligenciadas podem ser incorporadas à agenda global” (COOPER, 2009 p.2).

Durante a pesquisa, além de reconstruir o processo de construção do termo “*celebrity activism*”, foram expostos os principais casos e exemplos de celebridades que fizeram e ainda fazem parte dessa dinâmica. No mais, o tema foi analisado sob diferentes olhares da leitura acadêmica, cabendo compreender e identificar os pontos em comum e em divergência de cada caso. Dessa forma, ao mapear e estabelecer diálogo entre autoras e autores especializados, será possível compreender como o “*celebrity activism*” é pensado nas Relações Internacionais. Celebridades podem e são capazes de influenciar governos e instituições a revisar suas políticas? De que maneira as influenciam? Qual o impacto dessa presença/interferência?

O fenômeno traz discussões necessárias para os estudos de ativismo e práticas transnacionais, principalmente ao colocar seus diferentes pontos de vista acerca de uma mesma situação. Temáticas como conscientização pública, mobilização de recursos e decisões de governos foram eminentemente levantadas dentro desta revisão.

Serão discutidas três das mais relevantes e analíticas bibliografias acerca do tema: *Taking Celebrity Diplomacy Seriously in International Relations* (2009), de

Andrew F. Cooper; *Celebrity Activism in International Relations: In Search of a Framework for Analysis* (2010), de Asteris Huliaras e Nikolaos Tzifakis; e *Celebrities in International Affairs* (2016), de Lisa Ann Richey e Alexandra Budabin.

Finalmente, foram realizadas considerações sobre o fenômeno e em relação à bibliografia apresentada, analisando como o tema é abordado na área, identificando padrões, consensos, dissensos, bem como lacunas. Apontamos que, apesar do crescimento da visibilidade do “*celebrity activism*”, existem poucas pesquisas sobre o papel desses indivíduos-chave que não agem a partir do Estado no campo de estudo das Relações Internacionais. Dessa forma, esta revisão também tem como objetivo reunir a literatura existente e disponibilizar quase que ineditamente o tema no idioma português, já que a maior parte dos estudos estão publicados em inglês, algo que também pode revelar o “norte centrismo” do fenômeno em questão e o vácuo de pesquisas sobre o tema dentro da comunidade epistêmica brasileira. Entende-se também que o ativismo de celebridade é “tão diverso e complexo que seu próprio desenvolvimento de uma abordagem teórica é tão difícil quanto necessária” (HULIARAS e TZIFAKIS, 2010). Para construir uma análise mais consolidada, foram levantados questionamentos sobre a própria bibliografia, novas possibilidades de ativismo transnacional e influência em um mundo cada vez mais imediato e urgente.



## **1 O Ativismo Transnacional e o “*Celebrity Activism*”**

Neste capítulo inicial foram levantados os principais pontos teóricos fundamentais para a análise desta revisão. Para um maior entendimento do fenômeno estudado, será apresentada a historicidade do tema, seu surgimento e desenvolvimento no campo das Relações Internacionais. De início será abordado o ativismo internacional, suas características e já alguns posicionamentos da bibliografia estudada acerca do tema. Assim, será possível aprofundar o “*celebrity activism*” como o estudo de caso desta revisão.

Ao direcionar a discussão para o “*celebrity activism*”, além de explicar o que o tema comporta, serão tratadas diferentes formas de classificá-lo sob as colocações das principais bibliografias do presente trabalho. A fim de mapear o “*celebrity activism*” nas Relações Internacionais, na seção seguinte serão discutidas questões teóricas, como as noções de poder e as relações norte-sul e, ainda, retomar o ativismo transnacional. Trazendo esses pontos para o debate, compreendendo suas contestações e controvérsias, será possível localizar como o fenômeno se comporta de maneira geral nas Relações Internacionais. É na última parte deste capítulo que a teoria e o tema deste trabalho serão relacionados e analisados.

### **1.1. O Ativismo Transnacional**

Antes de falar propriamente do “*celebrity activism*”, é interessante refletir sobre o ativismo transnacional e entender como o fenômeno central deste trabalho faz parte dessa forma de ativismo. Assim, é possível definir algumas características e localizar o ativismo de celebridade dentro dos estudos das Relações Internacionais. Já serão trazidos a partir daqui pontos importantes analisados pela bibliografia estudada, que permitem a construção e compreensão do tema em questão.

Assim como os estudos de “*celebrity activism*”, o próprio ativismo transnacional não é tão densamente explorado por um determinado grupo de pesquisadores das Relações Internacionais. Os autores trazidos nesta revisão discutem brevemente alguns pontos importantes dessa questão. Do ponto de vista de Huliaras e Tzifakis (2010), o foco é no papel específico desses atores, como

fundações filantrópicas, movimentos feministas e o próprio ativismo de celebridades. De acordo com Cerny (2000), a literatura sobre esses atores na política internacional pode ser dividida em duas categorias: a primeira, nas condições favoráveis que esses indivíduos têm ao adotar um papel mais ativo internacionalmente (fatores externos); e a segunda sob as características pessoais desses atores (fatores internos).

Sobre o primeiro ponto de vista, duas subcategorias podem ser identificadas. Para Cerny, “Enquanto a estrutura pode constranger ou possibilitar as atividades de tais atores, estes podem, em certas circunstâncias, contribuir para a preservação ou as transformações da estrutura” (Ibidem, p. 451). Porém, de um outro ponto de vista, as autoras trazem uma pesquisa realizada por Kiyoteru Tsutsui e Christine Min Wotipka (2004) sobre os padrões das participações de cidadãos em movimentos globais de direitos humanos em organizações não-governamentais. O resultado revelou, ainda segundo essas autoras, uma “relação entre a decisão do cidadão participar da ONG e as oportunidades domésticas e globais, assim como nível de educação e desenvolvimento de seu país” (Ibidem, p. 257). Assim, é possível pressupor que existem condições que favorecem os indivíduos a adotar um papel mais ativo internacionalmente.

Em relação ao segundo ponto, que destaca características pessoais desses atores, Huliaras e Tzifakis (2010) trazem a tentativa de Sydney Tarrow (2005) de identificar artifícios e características em comum sobre os ativistas transnacionais. De modo geral, existe uma situação “privilegiada” desses atores: muitas vezes possuem maior acesso à educação, são viajantes frequentes, dão início às essas atividades no âmbito do doméstico e, logo após partirem para o internacional, voltam rapidamente. Em acréscimo, Paola Grenier (2006) denomina esses indivíduos com capacidade de liderança, nível educacional, acesso a recursos financeiros e motivações pessoais de “pioneiros”.

A análise das autoras proporciona que seja compreendida a existência de fatores externos (contexto) e internos (pessoal), que facilitam a presença desses atores no Sistema Internacional. Neste momento, voltemo-nos para o “*celebrity activism*”: quais são especificamente os fatores facilitadores para a existência desse fenômeno? Como ele surgiu, como se comporta e qual lugar ocupa nas Relações Internacionais?

## 1.2. O Celebrity Activism

O tema em análise nunca se mostrou muito relevante enquanto fenômeno e objeto antes dos anos 1990. Anteriormente, existiram algumas organizações de eventos beneficentes, como o *Live Aid* (1985), *Band Aid* (1984) e em Bangladesh (1971), em prol de causas humanitárias. Houve também atuações pontuais em questões políticas e econômicas internacionais, realizadas por artistas como Bob Dylan e John Lennon. Ambos sempre se manifestaram politicamente através de suas artes e na organização ou presença em eventos em prol de alguma causa humanitária. Em 1963, por exemplo, Lennon e sua esposa Yoko Ono lançaram a campanha “*Bed-In*” em favor da paz e contra a Guerra do Vietnã. Apesar disso, nenhuma dessas manifestações eram complexas e sistematizadas. Foi a partir da década de 1990, com o destaque de algumas celebridades nessas causas e o início de suas relações com organizações internacionais, que o tema se tornou mais visível e passou a provocar os estudos acadêmicos nas Relações Internacionais.

Huliaras e Tzifakis (2010) trazem alguns fatores facilitadores internos e externos importantes para entender a existência e o crescimento do fenômeno do “*celebrity activism*”. Durante o fim da década de 1980 e início da década de 1990, algumas organizações internacionais como o Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) se mobilizaram para que celebridades se engajassem em causas humanitárias. A criação dos conceitos de “embaixadores da boa vontade” e “mensageiros da paz” foram muito importantes para a atuação dessas celebridades no meio internacional. Nomes como Audrey Hepburn, Sofia Loren e Danny Kate e Angelina Jolie foram apresentados nessa dinâmica. O alcance e fama desses artistas foram usados como estratégia de relações públicas para a ONU, de maneira que pudessem melhorar a imagem da organização, flexibilizar fortes opiniões em seus fóruns e mobilizar a opinião pública para as causas das Nações Unidas. Apesar de muitas vezes criticadas, as nomeações continuavam a crescer e muitas dessas celebridades passaram a construir uma forte relação com essas organizações, facilitando as atividades desse fenômeno.

Depois das Nações Unidas, as autoras também identificam a reprodução dessa estratégia por organizações não governamentais. A estratégia era chamar atenção da mídia para as causas e aumentar a conscientização popular sobre as mesmas, auxiliando no acesso a altos níveis de governos. Os artistas são ótimos

recrutadores e de fato possuem uma maior proximidade de tomadores de decisão. Um ótimo exemplo é a Cruz Vermelha Americana, que possui mais de 50 membros célebres, incluindo Jamie Lee Curtis e Jackie Chan. Por fim, Huliaras e Tzifakis apontam um terceiro fator externo: “‘estrelas’ de cinema possuem muito mais liberdade para agir em relação à algumas décadas” (2010, p. 260). A indústria do entretenimento está menos rígida e as celebridades se sentem mais à vontade para expressar suas marcas. Dessa forma, as possibilidades de envolvimento desses atores em movimentos ativistas globais tornam-se mais propícios e até interessantes para eles mesmos.

Além desses fatores, as autoras supracitadas apresentam duas especificidades para o “*celebrity activism*”: “Celebridades abraçam causas globais ou engajam-se em iniciativas políticas para permanecerem como celebridades” (2010, p. 261), ou seja, claramente interesses pessoais motivam esse envolvimento. Muitas delas já acolheram causas como estratégia para melhorar sua imagem ou desviar atenção de alguma polêmica. E o fazem com o máximo de publicidade envolvida. Mesmo assim, é muito difícil determinar as motivações de um indivíduo, embora isso deva ser levado em questão. Por fim, o outro ponto é a difusão. Celebridades influenciam celebridades. Diversas vezes esses atores se mobilizaram uns aos outros e eles se pressionam para serem mais ativos nas causas.

Agora, do ponto de vista de Richey e Budabin (2016), podemos observar uma diferente especificação dentro do “*celebrity activism*”. As autoras não compreendem fatores facilitadores, mas classificam o fenômeno em celebridades diplomatas, “experts” e humanitárias. É interessante pontuar que em todas essas situações as autoras colocam as celebridades como agentes de uma elite da governança global.

Como celebridades diplomatas, Richey e Budabin compreendem aqueles que atuam através de relações complexas com Estados oficiais. Essas celebridades podem até mesmo se adequar às formas tradicionais da etiqueta diplomática ou utilizar sua posição como elite para advogar pelas causas que defendem. Ou seja, existe um potencial importante de moldar as agendas globais a partir da interação desses atores com os próprios Estados. Entre alguns exemplos, estão Bob Geldof, Bono Vox e Angelina Jolie que se reuniram com a Casa Branca e em Davos para discutir as dívidas, pobreza e refugiados do “Terceiro Mundo”.

Já as celebridades “experts” utilizam de outras ferramentas para reivindicar as causas que defendem. Elas se utilizam do sentimento de dor, comoção e

compaixão àqueles que querem impactar com suas campanhas. Essa estratégia busca provocar a empatia das pessoas. É nessa categoria que encontramos imagens de celebridades em campos de refugiados e zonas de conflito, por exemplo, ressaltando alguma situação extrema. Para as autoras, é esse um dos pontos onde existe potencial para reproduzir relações coloniais e neoliberais, sustentando relações abusivas da dinâmica Norte-Sul.

Por fim, as celebridades humanitárias, na maioria das vezes, possuem suas próprias organizações, mas também podem atuar com organizações privadas e até relacionadas a grandes empresas. A problemática aparece quando as autoras entendem que pode haver desacordo com os governos e a opinião pública local. É aqui onde as maiores quantias são doadas e, é claro, expostas à mídia internacional. Mais uma vez, as autoras reforçam suas críticas a essa forma de ativismo: como as celebridades fazem parte de uma esfera elitista e reforçam estruturas abusivas e pertencentes à dinâmica global. Nas seções seguintes, será possível compreender um pouco mais a fundo tais problemáticas.

Para além das classificações, é cabível reiterar que depois de mais de 30 anos com um crescimento exponencial de celebridades atuando em causas internacionais, ainda são escassos os estudos sobre o tema e em todos os textos aqui analisados, isto é, levantado e criticado.

Enquanto o ativismo de celebridades evolui para um fenômeno de visibilidade internacional cada vez maior, muito pouco foi escrito sobre suas causas e, menos ainda, sobre seu impacto” (HULIARAS e TZIFAKIS, 2010 p.255)

É demasiado complexo entender qual espaço o fenômeno ocupa nas Relações Internacionais e quais os resultados dessa atuação. Como um esforço para essa compreensão, serão conduzidos, a partir de agora, alguns pontos teóricos das Relações Internacionais. A partir deles e da mobilização da literatura analisada, pressupõe-se que seja possível abranger ao máximo o entendimento dessas questões.

### 1.3. Ativismo Transnacional, as Relações Norte-Sul e noções de poder

Por toda a bibliografia estudada é possível identificar algumas questões teóricas ligadas às Relações Internacionais, e serão justamente elas, essenciais para a compreensão do fenômeno neste campo de estudo. Estamos falando do ativismo transnacional - já previamente mencionado e analisado -, das noções de Poder e das relações Norte-Sul. Essas questões aparecem em todas as investigações do tema e a partir delas é possível identificar, também, o posicionamento e a crítica de cada bibliografia.

Vale relembrar brevemente do que já foi exposto sobre o ativismo transnacional e considerar algumas questões. Este tópico pode ser definido e dividido em duas categorias favoráveis à sua existência: em condições externas (contexto) e internas (pessoal). Ou seja, é importante definir que os ativistas transnacionais estão “enraizados em contextos nacionais específicos, mas imersos em atividades políticas de contestação que os insere em redes transnacionais de contatos e ações coletivas de diferentes tipos” (TARROW, 2005, p.12).

Em *Celebrities in International Affairs*, de Richey e Budabin (2016), aborda-se com veemência as relações Norte-Sul. Essas relações são pautadas pelo desenvolvimento socioeconômico e político entre as potências e os países emergentes globais. É importante relembrar que esse termo foi definido em substituição à antiga divisão entre 1º, 2º e 3º mundo.

O termo criado por Alfred Sauvy no período da Guerra Fria e classificava como Primeiro Mundo países capitalistas com um maior desenvolvimento econômico, com um PIB mais elevado e melhores condições de vida para a população. Já as nações consideradas de segunda mundo eram socialistas, alinhadas à União Soviética e com um alto grau de estatização da economia. Por fim, como terceiro mundo, estavam distribuídos os países subdesenvolvidos e que muitas vezes não estavam alinhados nem com os Estados Unidos, nem com a União Soviética. De acordo com Nandy:

O conceito de Terceiro Mundo não é uma categoria cultural; é uma categoria política e econômica nascida da pobreza, exploração, indignidade e falta de autoestima. O conceito está inextricavelmente ligado aos esforços de um grande número de pessoas tentando sobreviver, por gerações, a situações quase extremas. (2015, p. 91)

Com a decadência da União Soviética e com os processos de independência na África e o surgimento de nações muito pobres, essa divisão se tornou antiquada e um novo modo de distribuição se tornou inevitável. Os estudos pós-coloniais e mundialistas se encarregaram de definir esse novo ordenamento, assim como podemos observar no trecho de Toledo:

De certa forma, o pós-colonialismo dos anos 1980 reorganizou o debate terceiro-mundista, apropriando-se posteriormente dos conceitos de Norte e Sul Global [...] Como resistência, o conceito de Terceiro Mundo também foi significado como solidariedade entre os povos que compartilhavam o passado e o presente colonial à época. Mas as identidades que essa categoria mobilizou para a formação de diferentes movimentos ainda estavam alocadas principalmente no âmbito territorial e geopolítico (2021, p. 188).

Entendendo que boa parte dos países desenvolvidos se encontravam geograficamente no Norte do globo e que os países menos favorecidos se encontravam no Sul, a caracterização dessa ordem culminou no termo “Norte-Sul global”. É evidente que existem algumas exceções para essa organização geográfica. Então, entendem-se como países do Norte global nações com um elevado PIB, historicamente poderosos e com acúmulo de riquezas. Aqui identificamos nações da Europa, América do Norte, Japão e Austrália. Já no Sul global estão presentes países com índices de desenvolvimento mais baixos, maiores taxas de pobreza e problemas sociais. Compõem esse grupo nações emergentes da América Latina e Central, Ásia, África e Oriente Médio.

Essa nova divisão é profundamente estabelecida pelas relações entre os dois grupos descritos e pela hierarquização operante da colonialidade do poder (QUIJANO, 2010). Isso significa que as relações Norte-Sul são pautadas pela constituição de um poder mundial capitalista e colonial. É uma interação estabelecida por relações de poder, em que o Norte aplica e se sobressai em relação ao Sul. E nesse ponto existe uma sobreposição de aspectos econômicos, políticos e sociais. Neste debate, é importante pontuar a influência e dominância do Norte sobre o Sul global. No trecho abaixo é possível refletir, por exemplo, sobre a proeminência acadêmica de uma das partes sobre a outra:

Diferentes autores sustentam a existência de uma divisão global do trabalho que reproduz a lógica da geopolítica colonial e neoliberal: é do Norte global onde a criação de teorias com pretensões universais e

explicativas são exportadas, ainda que muitas vezes alimentadas pelas dramáticas experiências do Sul (CONNELL, 2007, p.108)

Essa é apenas uma das situações em que aparece essa “vantagem” do Norte sobre o Sul global e pertence veemente às discussões trazidas nesta revisão. Ou seja, aqui está um exemplo da sobreposição do Norte em relação ao Sul. A influência global vem do Norte. A riqueza, as celebridades e o ativismo partem do Norte global dentro de uma concepção de libertação, civilização e salvamento.

A partir da compreensão desses conceitos, é aceitável caminhar para análise da bibliografia aqui discutida e discorrer sobre como os pontos apresentados se aplicam nos textos a partir do ponto de vista dos autores.

#### **1.4. O “Celebrity Activism” influencia as Relações Internacionais?**

A literatura especializada chama atenção para a questão do ativismo propriamente dito e do ativismo transnacional. Pontua-se como esses indivíduos influentes atuam como ativistas transnacionais, influenciam decisões políticas, no crescimento da conscientização popular e até na mobilização de recursos. Ou seja, de forma geral, os autores constataam qual é o impacto desse fenômeno no Sistema Internacional e como é realizado esse ativismo. De acordo com Huliaras e Tzifakis (2010), existem importantes estratégias-chave para o sucesso de uma campanha, que possuem, de maneira geral, dois pontos a serem alcançados com sucesso: a publicidade e o aumento da influência sobre o tema. Já no texto de Richey e Budabin (2016) é explorada a maneira que essas celebridades atuam como outros atores de elite nos assuntos internacionais, investindo um capital considerável em processos altamente políticos.

Podemos identificar uma unanimidade em relação ao fenômeno *ser norte centrado* e que é escasso de estudos na área. No texto de Huliaras e Tzifakis (2010), por exemplo, as autoras constataam e aceitam o fato, não realizam muitas críticas a essa questão e seguem para suas análises. Já Richey e Budabin (2016) exibem maiores avaliações acerca do assunto, traçam a emergência e algumas práticas da política elitista das celebridades nas relações Norte-Sul. Para as autoras, “celebridades são agora consideradas atores influentes nas Relações Internacionais, particularmente moldando as relações Norte-Sul” (Ibidem, p 1). Ou



seja, do ponto de vista delas, o “*celebrity activism*” é fruto dessas relações de poder e inclusive as reforça. Existe uma ambiguidade: da mesma forma que oferecem algum tipo de ajuda ou contribuição às causas internacionais, reforçam as relações destrutivas de exploração na dinâmica Norte-Sul. Celebidades são elites políticas, se manifestam e “advogam” em nome de públicos do Sul global para políticos, doadores e patrocinadores corporativos. Podemos observar, inclusive, a diferença eminente desse ativismo nas duas partes do globo, conforme trecho a seguir:

In the South celebrities perform site visits, establish development organizations, serve international governmental organizations, and behave as “disaster tourists”. In the North they act as witnesses, ambassadors, fundraisers, and activists (RICHEY e BUDABIN, 2016, p.2).

No texto de Cooper (2009), também é possível observar algumas críticas semelhantes nesse sentido. Para ele, o movimento do ativismo de celebridade não é autêntico, justamente por ser norte-centrado. O seu entendimento parte de que só poderá ser legítimo quando mais “estrelas” do Sul Global forem elevadas ao mesmo patamar de influência de celebridades do Norte, como Angelina Jolie, Bono e a própria Princesa Diana. O autor também levanta as usuais críticas realizadas sobre esses autores e a superficialidade que eles apresentam. Cooper concorda que:

If being recognized as a celebrity diplomat means having some degree of global reach (not just being an advocate on a single issue) and having contact with state officials, the individual stars accorded this status is appreciably narrowed (Ibidem, p.3).

Em outras palavras, ele reforça que existe um fator motivador e de interesse pessoal para o envolvimento dessas celebridades nas causas internacionais.

Richey e Budabin também enxergam essas contraditórias formas de engajamento das celebridades ativistas. Elas atuam como elites políticas e investem “capital considerável (material e simbólico), em processos altamente políticos” (2016, p. 3). Driessens (2013) entende que esse capital pode ser revertido para as celebridades de diversas maneiras: em capital econômico como dinheiro (via publicidade, por exemplo), capital simbólico como reconhecimento e capital político. Ou seja, as autoras concordam que de certa forma essas celebridades se beneficiam individualmente do ativismo e, conseqüentemente, entram na dinâmica Norte-Sul de exploração e lucro do Norte sobre o Sul. Isto posto, importa refletir sobre as formas de poder que esses atores exercem nessa relação.

Celebrities are legitimate actors in North-South “helping” with the expectation of exerting a productive, cooperative “power with<sup>1</sup>” local recipients and stakeholders, yet the power they wield reinforces global and sometimes local power elites (RICHEY e BUDABIN, 2016, p. 3).

Assim dizendo, esse poder (“*power with*”) que exercem em conjunto e cooperando com instituições locais e “*stakeholders*” também reforça as elites globais e algumas vezes as locais também. Mesmo com a mídia internacional (tabloides, grandes jornais e canais de televisão) vendendo a ideia de que essas celebridades são ativistas em prol do bem e seguem nessa dinâmica de cooperação e aprendizado, na realidade, estão exercendo um poder coercitivo e manipulador (“*power over*”) que “reforça a vantagem dos interesses poderosos” (Ibiden, p.3) No mais, elevando a discussão, Richey e Budabin trazem análises de Littler (2008) e Kapoor (2015), que argumentam que:

(..) celebrities appeal to “the people” by playing with the humanitarian needs of “others”— effectively selling the poor for profit in global capitalist relations — making celebrity practices inherently destructive for the South (Ibidem, p.4).

É interessante ponderar como os trabalhos de Huliaras e Tzifakis, Richey e Budabin e Cooper se comportam de maneiras tão diferentes. Ao passo que algumas se mostram extremamente críticas - como a de Cooper (2009), mas principalmente a de Richey e Budabin (2016), - ao fenômeno e à bibliografia já existente, outras - como a de Huliaras e Tzifakis (2010) - apenas pincelam com uma crítica bem superficial e seguem rapidamente para os exemplos práticos na tentativa de compreender o “*celebrity activism*”.

Até este momento já foi possível projetar como essas celebridades podem e são capazes de influenciar governos e instituições a revisar suas políticas. Da mesma forma sob a maneira que realizam e o impacto presença/ interferência. Agora, seguiremos no seguinte capítulo analisando alguns casos reais de celebridades ativistas a fim de observar na prática as questões abordadas nesta revisão.

---

<sup>1</sup> PARTZSCH, Lothar. Celebrity Studies 6: The Power of Celebrities in Global Politics. [S. l.: s. n.], 2015. 178-191 p.

## 2 Casos marcantes de “Celebrity Activism”

Neste capítulo, serão analisados casos marcantes do “*celebrity activism*” à luz do debate teórico levantado pela literatura. Ao longo de todos eles, retomaremos as noções previamente discutidas como ativismo internacional, Norte-Sul e *soft power*.

Serão estudados e comparados os casos envolvendo Princesa Diana, Mia Farrow e Angelina Jolie. Esses 3 casos trazem especificidades, diferenças no *modus operandi* do ativismo e pontos importantes para análise do fenômeno como o vínculo com instituições internacionais, governos, atuações independentes e o impacto de suas ações.

Os casos se passam em - mesmo que curtos - diferentes períodos de tempo. A participação da Princesa Diana nas campanhas para banir as minas terrestres e o ativismo de Mia Farrow em relação às políticas da China no Sudão, por exemplo, possuem uma diferença de 10 anos . É interessante observar a diferença e evolução que eles apresentam no sentido do conhecimento e estratégias na atuação em questões internacionais. Em casos mais atuais, é possível observar uma maior preparação e experiência por parte das celebridades. De acordo com Huliaras e Tzifakis, eles “aprenderam como agir e entenderam que elas precisam ser aconselhadas por profissionais que sabem como mobilizar questões e apoiadores” (2010, p.264). Angelina Jolie em Burma também já representa essa mudança.

Além disso, é importante entender outro porquê da escolha desses casos. Todas essas celebridades partem do “Primeiro Mundo”, o que representa mais uma vez a condição e efetividade do fenômeno no Sistema Internacional. Pontua-se aqui, novamente, que essas atuações de celebridades do Norte global para o Sul global fazem parte dessa dinâmica e inclusive as reforça.

### 2.1. Princesa Diana e as minas terrestres

No final dos anos 1990, a Princesa de Gales iniciou uma campanha para proibir globalmente as minas terrestres. Ela visitou diversos países na África, a exemplo da Angola, onde participou de momentos icônicos, como a travessia de

uma área de minas com apenas um colete de proteção e fotos com crianças sem algum membro atingidos pelas minas. Sua popularidade e personalidade gerou uma grande comoção internacional sobre essa questão até que, em 1997 - 3 meses após sua morte - 122 países assinaram o Tratado de Ottawa, que proíbe o uso, produção, armazenamento e transferência de minas terrestres.

Lady Di, como era chamada, sempre teve um papel popular em causas humanitárias - por exemplo, quando visitou um centro hospitalar para pessoas com AIDS -, porém, sempre como representante e pertencente da coroa britânica. Após seu divórcio com o sucessor do trono do Reino Unido, ela pôde atuar em questões diferentes e teve mais liberdade em suas atuações. Ela criou a ICBL (*International Campaign to Ban Landmines*) e participou de diversas conferências, assim como eventos midiáticos e demonstrações públicas. Essa campanha teve o envolvimento de outros atores importantes, como o então Papa João Paulo II e o líder Dalai Lama. As viagens para os países afetados eram patrocinadas pela Cruz Vermelha Britânica e houve também um breve envolvimento com Elizabeth Dole, importante personagem em uma das maiores ONG's anti-minas, e seu marido Robert Dole, então candidato republicano à presidência norte-americana. Assim como toda sua vida pública, Diana atraiu fortemente a atenção do público para essa questão e influenciou diversas outras personalidades na causa. A comoção e proximidade que ela exibia nas campanhas era fundamental para toda essa atenção: "Ela entendia muito bem o poder da mídia" (HULIARAS e TZIFAKIS, 2010, p. 265). Sua trágica morte durante a campanha foi muito importante também para a efetividade da mesma. A atenção sobre a causa cresceu e a mobilização internacional para o fim das minas foi colocada como prioridade.

A partir disso, é possível observar alguns pontos importantes. Boa parte da estratégia da campanha era mobilizar a opinião popular e isso, de fato, era algo que Diana sabia bem como fazer. Não existia um grande plano e táticas para solucionar o problema, o que se fazia era chamar a atenção, trazer os holofotes para a problemática das minas terrestres. Houve sim uma grande efetividade de sua atuação: ela influenciou governos e um importante Tratado foi assinado. Porém, especialistas como Rob Evans e Richard Norton-Taylor (1999) compreendem que a maior força por trás do sucesso da campanha em alterar o posicionamento dos

estados foram as ONG's e não celebridades. Andrew Cooper (2007) ainda adiciona que Diana Spencer simplesmente emprestou seu nome e "cara" para a campanha.

Mas, para além disso, o que seu envolvimento pode significar? Foi uma grande - celebridade do Norte global que já ocupou um importante cargo na monarquia de uma das maiores potências mundiais se direcionando ao Sul global. É possível identificar que ela fazia parte de uma elite global e, que de acordo com as análises de Richey e Budabin (2016), exerceu um poder coercitivo e manipulador ("*power over*") através de toda essa comoção e atenção da opinião pública sobre as minas terrestres. É importante lembrar também que Diana, de certa forma, usufruiu dessas ações. Ela manteve seu status de celebridade focando em ajudar os mais desafortunados e criando uma imagem de "princesa do povo" (HULIARAS e TZIFAKIS, 2010 p. 266). Outro ponto interessante é compreender esse caso a partir da classificação de Richey e Budabin (2016): a Princesa Diana pode ser considerada uma celebridade "expert". Ela usa muito bem o sentimento de dor e compaixão para grande impacto com as suas campanhas. A busca pela empatia das pessoas é o grande alvo e estratégia desse caso. E é possível observar o potencial de reprodução de relações coloniais: por exemplo, vemos um ator do Norte global se direcionando ao Sul para "salvá-lo" e civilizá-lo dos males que eles mesmos causaram.

## **2.2. Mia Farrow em Darfur**

A famosa atriz de Hollywood foi uma criança privilegiada. Ela é filha do diretor e escritor John Farrow e da também atriz Maureen O'Sullivan. Após anos se dedicando à produção de filmes, no final dos anos 1990, ela se afastou para se dedicar à criação de seus 14 filhos e foi durante essa mesma época que iniciou sua atuação como uma ativista internacional. Se envolveu, principalmente, no Sudão. Viajou diversas vezes para a África e expunha através de entrevistas para televisão e artigos de revistas as atrocidades do Conflito de Darfur (2003-presente), os crimes de guerra e as condições subumanas no país. Nos anos 2000, Farrow já se tornava "Embaixadora da Boa Vontade" pela UNICEF.

De acordo com as análises de Huliaras e Tzifakis (2010), Farrow não se parece com as outras celebridades, ela não parece buscar atenção da mídia. Sua

atuação nas questões internacionais não se parece como uma estratégia em sua carreira. Apesar de sua primeira visita a Darfur ter sido patrocinada pelo UNICEF, Farrow voltou outras 7 vezes. Em seus artigos, publicados em famosos jornais norte-americanos, como *Washington Post*, *LA Times* e "*Wall Street Journal*", trazia relatos terríveis da população sudanesa. Ao longo do tempo, a atriz trouxe como estratégia focar no governo chinês devido sua relação e influência com o Sudão. A China era o principal fornecedor de armas para o governo sudanês e bloqueou algumas intervenções no Conselho de Segurança para dar fim ao conflito.

Em março de 2007, em uma de suas publicações para o *Wall Street Journal*, Farrow escreveu um artigo nominando as olimpíadas de 2008 como genocidas, já que o governo chinês tinha poder para impedir o conflito em Darfur e nada realizava. O conflito já se arrastava por mais de 4 anos, deixando centenas de feridos. A atriz inclusive intimou Steven Spielberg, o diretor artístico da abertura das Olimpíadas de Pequim, para se posicionar em relação a essa questão. Semanas depois, o diretor se retirou do projeto artístico dos jogos. Aqui é possível observar um ótimo exemplo de celebridades influenciando outras celebridades e, nesse ponto, a atriz se destacou.

Mia Farrow representou o grande poder do vínculo, criou iniciativas independentes e se comunicava com os governos chinês e sudanês, e inclusive fez parte de negociações entre os dois países. Sua campanha parecia "sofisticada e calculada" (NIZZA, 2007). Na intenção de popularizar a campanha e engajar outras pessoas influentes (incluindo atletas), Farrow não sugeriu um boicote aos jogos, mas apenas à cerimônia de abertura. Do ponto de vista de Huliaras e Tzifakis (2010), a atriz não foi a primeira a se mobilizar pelo conflito de Darfur, nem a primeira a culpar a China por ter responsabilidade no Sudão. Na verdade, Farrow fez parte de uma "grande coalizão de ONGs norte-americanas, 'lobbies étnicos', grupos religiosos e outras celebridades - como George Clooney e Don Cheadle - e ativistas focadas nesta questão" (Huliaras e Tzifakis, 2010 p.270). Pretendia-se fortemente aumentar a conscientização pública e afetar as políticas da administração norte-americana.

Por fim, entende-se a campanha como uma grande e sofisticada rede de atores em prol de uma causa em comum; Farrow não estava sozinha. A atriz se mobilizou e criou estratégias em conjunto para atuar na devida questão. A mídia internacional credibiliza a atriz e principalmente seu emblemático artigo "*Genocide*

*Olympics*” à mudança de postura da China em relação a Darfur. Porém, muito antes da publicação já havia, mesmo que pequeno, um engajamento chinês para alterar sua postura. Em 2005, a China já não vetou uma resolução do Conselho de Segurança acerca dos crimes de guerra cometidos em Darfur e, em fevereiro de 2007, o então Presidente Hu Zindao repudiou e condenou o conflito e as mortes publicamente. Existiu um exagero midiático sobre a real influência de Farrow em Darfur. Neste ponto, já é possível observar que talvez celebridades não impactem significativamente nas políticas governamentais. Apesar disso, é necessário concordar que a rede de atores construída por Mia Farrow foi importante.

Neste caso, além de assimilar mais um ator do Norte, pertencente à elite global, agindo sobre o Sul, pode-se compreender Mia Farrow como uma celebridade humanitária e também diplomata, segundo as análises de Richey e Budabin (2016). Farrow pode ser classificada como humanitária quando cria suas próprias organizações (*“Dream for Darfur”*), age mais por conta própria, desvinculada de Instituições oficiais como a ONU, por exemplo, e atrai grandes quantias para doações. Como diplomata, Farrow se entrelaça em relações complexas com os governos chinês e sudanês e utiliza da sua posição de elite para fortalecer suas reivindicações acerca do conflito (*“power with”*). Além disso, podemos dizer que existe um claro objetivo: influenciar as políticas dos países, em especial da China.

Por fim, compreende-se a diferença entre o ativismo de Diana e Farrow. A atriz, de fato, lançou uma campanha bem mais sofisticada e preparada que a princesa. É admissível que Farrow possuísse uma estratégia mais definida e entendia como poderia influenciar um governo de uma forma mais certa, fugindo um pouco do foco de apenas chamar atenção através de imagens fortes e da comoção do público.

### **2.3. Angelina Jolie na Birmânia/ Myanmar**

Angelina Jolie se tornou um símbolo do ativismo transnacional. Boa parte da construção de sua imagem como artista também foi baseada em sua atuação em questões internacionais. Ela sempre usou muito bem a mídia internacional para dar atenção ao que estava reivindicando. Em 2001, a atriz foi nomeada como “Embaixadora da Boa Vontade” pela Agência da ONU para Refugiados (ACNUR) e,

a partir desse momento, se tornou uma peça importante para comunicar as ações dessa organização pelo mundo através de visitas e atenção da mídia. A maior parte de suas viagens era realizada em conjunto com a ONU e a atriz sempre no papel de “Embaixadora” da Instituição.

Jolie foi uma peça essencial para a ONU e visitou mais de 40 países e campos de refugiados. Em 2009, viajou até o *Mae La Refugee Camp*, na fronteira entre Tailândia e Birmânia para divulgar as péssimas condições e abusos que os mais de 145 mil refugiados se encontravam. Nesta ocasião, a atriz conversou com uma série de pessoas que viviam nesse campo e houve uma aproximação sentimental entre eles. Os refugiados se sentiam ouvidos por ela e entendiam que ela poderia ajudá-los. Eles se sentiam apoiados. Cooper (2009) acredita que Jolie perpetuou uma geopolítica de esperança que colocou em primeiro plano preocupações sentimentais em vez de políticas. Segundo especialistas como Mostafanezhad (2013), a despolitização de sua visita de certa forma prejudicou a situação dos exilados birmaneses na zona fronteira. Não houve um envolvimento profundo com as raízes da questão geopolítica da crise dos refugiados relacionados ao regime da Birmânia.

De acordo com Cooper, as visitas da atriz eram uma oportunidade de moldar as relações Norte-Sul ao enquadrar entendimentos do conflito para a mídia de massas, mas também para agências humanitárias, atores políticos e filantrópicos. De certa forma, a atriz apenas buscava comunicar e reportar as condições para o Norte, o envolvimento de fato e na prática com a questão era muito limitado. De acordo com Richey e Budabin, “neste caso, a presença de uma celebridade afetou a interpretação da situação dos refugiados ao sentimentalizar o Sul Global de uma maneira que teria consequências no Norte doador” (2016, p. 13). O objetivo de melhorar diretamente a vida dos refugiados desfocava a solução da raiz do problema: não houve respostas políticas à crise ou pressões ao governo local acerca do conflito. Richey e Budabin compreendem que:

O status de Jolie como uma atriz de elite transnacional se reflete em suas limitações de “power over” que não refletem o envolvimento do público e tem impedido uma compreensão mais completa e crítica da situação dos refugiados, com efeitos potenciais na governança global (Ibidem)



Dessa forma, é possível compreender Jolie como uma celebridade diplomata por utilizar sua posição de elite para advogar pelas causas que defende. Cooper compreende que sua condição de interlocutora em nome da política de “outros” implica na responsabilidade de representar sua situação, implantando seu capital financeiro em meio a câmeras em uma forma de capital político. Mesmo assim, é importante destacar que a atuação de Jolie não gera pressão e impacto sobre governos ou proponha soluções. No final das contas, tratava-se de conscientização.

### **Considerações Finais**

É concebível concluir que apesar do fenômeno trazer algum tipo de esperança e atenção sobre alguma questão internacional que nem sempre chega à agenda global, celebridades não alteram nada sozinhas. Para uma efetividade relevante e de impacto, celebridades devem agir estrategicamente em conjunto com organizações internacionais e com uma rede importante. E, mesmo assim, não deixam de exercer seus papéis como uma elite global do Norte agindo sobre o Sul, podendo reforçar as relações abusivas, históricas e coloniais desses pólos (COOPER, 2009).

A atuação das celebridades em questões internacionais também pode ser positiva, particularmente no sentido de aumentar a conscientização pública, mobilizar recursos e realizar *lobby* político (HULIARAS e TZIFAKIS, 2010). Mesmo assim, existe algum tipo de benefício individual para as próprias celebridades e por outras partes da elite e isso não pode ser desconsiderado (RICHEY e BUDABIN, 2016). Por fim, celebridades, quando atuam em grandes redes de *network*, podem ter suas ações muito mais estratégicas e impactantes. Ou seja, dessa forma, as ações das celebridades podem ser melhor planejadas e estruturadas, resultando em uma maior efetividade e impacto sobre aqueles que podem de alguma forma contribuir para a solução da questão acolhida.

Esta revisão trouxe uma análise de como o fenômeno do ativismo de celebridade atua e como se comporta dentro das Relações Internacionais. Foram discutidos teoria e casos práticos e como eles se relacionam, e assim entender como essa prática internacional funciona e quais são seus impactos. O presente

trabalho também traz uma reflexão interessante para as discussões das Relações Internacionais como um todo. Além de compreender como o ativismo de celebridade performa nas Relações Internacionais, provoca uma reflexão sobre diferentes maneiras de observar e desafiar a dinâmica internacional e tradicional. O “*celebrity activism*” pode ser visto como um novo, interessante e com potencial, mesmo que ainda problemático, fenômeno interessante para trazer questões importantes para a agenda global.

## **Bibliografia**

CERNY, Philip G., “Political Agency in a Globalizing World: Towards a Structural Approach”, *European Journal of International Relations*, Vol. 6, No. 4, pp. 435–463, 2000.

COOPER, Andrew. *Celebrity Diplomacy*. [S. l.: s. n.], 2007.

COOPER, Andrew F. “Taking Celebrity Diplomacy Seriously in International Relations”. *E-International Relations*, [S. l.], p. -, 14 set. 2009. Disponível em: <https://www.e-ir.info/2009/09/14/taking-celebrity-diplomacy-seriously-in-international-relations/>. Acesso em: 6 set. 2021.

CONNELL, Raewyn. *Southern Theory*. Cambridge: Polity Press, 2007

DRIESSENS, Oliver. *Theory and Society 42: Celebrity Capital: Redefining Celebrity Using Field Theory*. 5. ed. [S. l.: s. n.], p.543–560,2013.

EVANS, Rob; NORTON-TAYLOR, Richard. “Us Feared Diana's Mine Action”. *The Guardian*, Reino Unido, 26 ago. 1999.

HULIARAS, Asteris; TZIFAKIS, Nikolaos. “Celebrity Activism: In search of a framework for analysis”. *Global Society*, UK, p. 255-274, 7 abr. 2010.

KAPOOR, Ilan. *Celebrity Humanitarianism: The Ideology of Global Charity*. New York: Routledge, 2013.

LITTLER, Jo. *Social Semiotics 18: ‘I Feel Your Pain’: Cosmopolitan Charity and the Public Fashioning of the Celebrity Soul*. [S. l.: s. n.], p. 237–251, 2008.

MOSTAFANEZHAD, Mary. “Angelina Jolie and the Everyday Geopolitics of Celebrity Humanitarianism in a Thailand–Burma Border Town”. In: RICHEY, Lisa Ann. *Celebrity Humanitarianism and North-South Relations: Politics, Place and Power*. Oxford: Routledge, p. 27-47, 2013.

NANDY, Ashis. “A imaginação emancipatória: desafios do século 21”. In: CASTRO, Lucia Rabello. *A imaginação emancipatória*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2015

NIZZA, Mike. “Mia Farrow's Darfur Gambit”. *New York Times*, [S. l.], p. -, 8 ago. 2007

PARTZSCH, Lothar. *Celebrity Studies 6: The Power of Celebrities in Global Politics*. [S. l.: s. n.], p. 178-191, 2015.

QUIJANO, Aníbal. “Coloniality and Modernity/Rationality”. In: MIGNOLO, Walter; ESCOBAR, Arturo. *Globalization and the decolonial option*. New York: Routledge, 2010. p. 22-32.

RICHEY, Lisa Ann; BUDABIN, Alexandra. “Celebrities in International Affairs”. *Oxford Handbooks Online*, [S. l.], p. 1-22, abr. 2016

TARROW, Sidney. *The new transnational activism Cambridge*. [S. l.]: Cambridge University Press, 2005.

TOLEDO, Áureo. *Perspectivas pós-coloniais e decoloniais em Relações Internacionais*. Bahia, Brasil: Editora da Universidade Federal da Bahia, 2021.

TSUTSUI, Kiyoteru; MIN WOTIPKA, Christine. “Global Civil Society and the International Human Rights Movement: Citizen Participation in Human Rights International Nongovernmental Organizations”. *Social Forces*, [S. l.], v. 83, n. 2, p. 587-620, 2004.